

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 7 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2018

FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DO CUIDADO PATERNAL NO MINISTÉRIO PASTORAL

Theological foundation for parental care in the pastoral ministry

Dr. Vanderlei Alberto Schach¹

RESUMO

No presente artigo destacam-se alguns versículos bíblicos que dizem respeito à vida familiar pastoral. A ênfase maior recai sobre administração do tempo, filhos fora dos caminhos de Deus, culto em família e falta de autoridade paterna, apontando-se possíveis caminhos de equilíbrio nas relações familiares, pastorais e ministeriais.

Palavras-chaves: Pastor. Igreja. Filhos.

ABSTRACT

In this article we highlight some biblical verses that relate to pastoral family life. The major emphasis is on time management, children out of the ways of God, family worship and lack of paternal authority, pointing to possible paths of balance in pastoral and ministerial family relations.

¹ O autor é bacharel em Teologia, mestre em Novo Testamento e doutor em Teologia Prática, pastor e professor na Faculdade Batista Pioneira, de Ijuí / RS. Pesquisa sobre criança em situação de vulnerabilidade afetiva. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

Keywords: Pastor. Church. Children.

INTRODUÇÃO

Atualmente tem-se percebido certo grau de preocupação de pais pastores que não conseguem manter seus filhos na igreja. É como se não acreditassem mais na sua própria pregação. Infelizmente, percebe-se a mesma preocupação com pais que são apenas membros de igreja. Esta percepção faz surgir este breve artigo, que serve mais para mostrar a problemática da família pastoral. Assim sendo, não tem a pretensão de exaurir o assunto, mas abre caminho para futuros debates.

No primeiro capítulo descreve-se a falta de tempo para a família pastoral. Baseado no livro de Gênesis 30.30, mostra-se que a falta de tempo não pertence apenas ao homem pós-moderno, mas é um desafio presente em toda história da humanidade. Também se apresenta o Princípio de Pareto e a Matriz de Eisenhower, que são ferramentas usadas por executivos para detectar falhas na esteira da produção e a detectar tarefas importantes e urgentes ao mesmo tempo e que podem tornar-se úteis no ministério pastoral.

O segundo capítulo aborda a questão dos filhos fora dos caminhos da igreja e até mesmo de Deus. Esta realidade é ilustrada a partir dos filhos do profeta Samuel (1Sm 8.3) e com breve menção aos filhos do sacerdote Eli (2.12-36). Descreve-se aqui a importância de o pai pastor fazer de seus filhos sucessores, não apenas herdeiros.

O capítulo três descreve a necessidade do culto em família. Mesmo que a família pastoral possa parecer repleta de atividades eclesiais, há a necessidade da busca de orientação espiritual no sentido individual e coletivo. Este será baseado no livro de Josué (24.15) que, entre muitas tarefas e deuses, precisa tomar uma decisão.

Por último, a partir de Efésios 6.4, descrevem-se fatores de irritabilidade dos filhos quando os pais falham com a verdade, mostrando igualmente motivos pelos quais os pais pastores perdem sua autoridade paternal e, conseqüentemente, os filhos.

No mundo contemporâneo, uma das maiores crises dos seres humanos refere-se ao tempo. Parece que ninguém tem mais tempo. As respostas devem ser imediatas. Até por volta da década de 1980, alguém escrevia uma carta para familiares ou amigos e esperava tranquilamente por aproximadamente

30 dias ou mais para receber uma resposta e, quando vinha, que alegria! Atualmente, quando não se consegue conversar com três ou quatro pessoas ao redor do mundo ao mesmo tempo, já há motivo para estresse. Muitas pessoas ficam ansiosas quando mandam uma mensagem para alguém e não são imediatamente correspondidas. Vive-se em um ambiente de eminente falta de tempo. Este será o assunto tratado no capítulo a seguir.

1. FALTA DE TEMPO (GN 30.30)

Neste ambiente de agitação e falta de tempo está inserida a imagem do pastor e sua família. A igreja quase que exige dele onipresença, ou seja, estar presente em vários lugares ao mesmo tempo. Num primeiro momento, parece ser bom para o pastor ser requisitado aqui e ali; no entanto, uma coisa é fazer a vontade das pessoas, achando que é vontade de Deus, e outra coisa é fazer a vontade de Deus servindo as pessoas. Cita-se aqui o exemplo de Jacó que disse ao seu sogro: *O pouco que você possuía antes da minha chegada aumentou muito, pois o Senhor o abençoou depois que vim para cá. Contudo, quando farei algo em favor da minha própria família?* (Gn 30.30).

O contexto desse versículo é o casamento de Jacó. Inicialmente, ele deveria trabalhar por sete anos para receber por esposa Raquel. Este era o trato feito com Labão, o pai da moça. Porém, ao final dos sete anos, Jacó exigiu o pagamento, mas recebeu Lia, irmã de Raquel, como pagamento. Reclamou com seu sogro Labão e este lhe exigiu mais sete anos de trabalho por Raquel, mulher que ele amava profundamente. Como seu amor era grande por Raquel, novamente trabalhou mais sete anos e finalmente obteve Raquel como esposa. Jacó, porém, continuava trabalhando arduamente para o sogro Labão e, ao pedir as contas para cuidar da sua família, recebeu uma proposta de aumento salarial. Jacó foi taxativo e disse ao seu sogro: “você já enriqueceu às minhas custas, de agora em diante vou cuidar da minha família”.

Pode-se observar que a questão do não ter tempo não é apenas uma circunstância atual, mas já existia há milhares de anos. O que é necessário fazer então? Jacó tomou uma decisão, ele teve prioridade, decidiu ter tempo para sua família. Em outras palavras, quando não se tem tempo, deve-se conseguir de alguma forma. A mesma regra vale também para o pastor.

O pastor deve administrar bem o seu tempo, ter prioridades e ser exemplo. Ele não é pastor somente quando está no púlpito, mas muito mais quando

mostra pelo exemplo prático como se faz. No púlpito, o pastor deve dizer como as coisas são. Fora dele, deve mostrar como as coisas são através de atitudes práticas na vida cotidiana. Quando o pastor tem tempo para a sua família, ele estará ensinando as suas ovelhas a também terem tempo para suas famílias. Desta forma, não será cobrado por dedicar tempo à sua família.

O pastor deve orientar a igreja a não marcar programações, reuniões ou outras atividades no dia de descanso pastoral. Muitas igrejas apenas cumprem um ritual de programações, às vezes até mesmo sem um objetivo específico. A igreja não se torna mais espiritual com muitas programações e nem menos com poucas. Além do pastor, as famílias da igreja também precisam tempo para estarem reunidas.

O pastor também pode e deve mostrar para a igreja que Deus trabalhou apenas seis dias e no sétimo descansou. Se ele quiser trabalhar mais do que seis dias, corre o risco de a tentativa da criatura transformar-se em Criador. Nenhum ser humano, mesmo que seja pastor, poderá colocar-se no lugar de Deus. O próprio Jacó teve que dizer isso para sua esposa Raquel, estéril: *Por acaso estou no lugar de Deus, que a impediu de ter filhos?* (Gn 30.2). A implicação maior deste princípio é que o pastor deve compreender que não é proprietário da igreja. Esta foi comprada e paga com preço de sangue (At 20.28), logo, pertence a Deus. O pastor é mero ajudador, embora com grande responsabilidade, porém não mais do que é permitido ao ser humano carregar.

Outro aspecto importante que surgiu no casamento de Jacó com Raquel foi a esterilidade, como já mencionado no versículo acima. No entanto, Deus, em sua infinita graça, permitiu que ela tivesse filhos, amenizando a tensão entre o casal. Seu exemplo ensina que o casal pode enfrentar as dificuldades juntos - fato que obviamente demanda tempo - não dando espaço para discussões.

A partir do exemplo de Jacó, entende-se que, se o pastor não dedicar tempo de qualidade para sua família, esta será a única família na igreja sem pastor, e pior, sem pai e sem marido, fato que poderá ser altamente prejudicial para o ministério pastoral.

O italiano Vilfredo Pareto, economista, sociólogo e cientista político, elaborou a lei 80/20, ou seja, a Lei de Pareto. Esta consiste em atribuir 80% das consequências a 20% das causas.² Cita-se como exemplo: 1) 80% dos

² **PRINCÍPIO DE PARETO.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio_de_Pareto. Acesso em: 12 mar. 2019.

acidentes de trânsito são causados por 20% dos motoristas; 2) 20% dos seus produtos representam 80% das vendas; 3) 80% dos membros consomem o que 20% produz. A Lei de Pareto também pode ser aplicada à administração do tempo do pastor: 20% do tempo bem planejado poderá render 80% de resultados positivos. Porém, sabe-se que a agenda pastoral está sempre preenchida, sem falar nos casos imprevistos que acontecem e não estão agendados, como acidentes, tragédias, falecimentos... A pergunta que pode surgir neste contexto é: como um pastor pode classificar a demanda da sua agenda com itens prioritários, urgentes e outros? Dwight Eisenhower, ex-presidente dos Estados Unidos (1953-1961), criou e desenvolveu um sistema que ajuda a entender a importância e urgência daquilo que necessita ser feito. O sistema levou o nome do próprio inventor e ficou conhecido como Matriz de Eisenhower. “O que é importante raramente é urgente, o que é urgente, raramente é importante”, disse Eisenhower.³

Se algo for importante e urgente ao mesmo tempo, então o pastor deve fazer. Ser for apenas urgente ou apenas importante, então deve delegar. Se não for nenhum dos dois, então não deve perder tempo. O melhor é esquecer esta tarefa. Foi o que Jacó fez diante do seu sogro. A tarefa de dedicar tempo para a família era de importância e urgência máximas, visto que seus filhos estavam crescendo e o tempo de que eles necessitavam agora, nesta faixa etária, não poderia ser postergado, ou seja, era algo importante e urgente. Se os filhos passassem daquela faixa etária, talvez não necessitariam mais da atenção do pai. A falta da devida atenção para cada faixa etária pode ser um dos motivos pelo qual os filhos de alguns pastores e até membros estejam fora da igreja ou até mesmo dos caminhos de Deus.

2. FILHOS FORA DO CAMINHO (1 SM 8.3)

Há muitos pastores com famílias exemplares. Os filhos acompanham o pai pastor em todas as suas atividades eclesiais. Eles não veem o ministério do pai como um fardo a ser carregado. Pelo contrário, envolvem-se voluntariamente com os membros da igreja do pai e não percebem problemas, mas fazem deles desafios a serem vencidos. Esta visão positiva dos filhos sobre o ministério do pai pastor normalmente advém de uma visão otimista

³ **O QUE É MATRIZ DE EISENHOWER?** Disponível em: <https://www.ignicaodigital.com.br/o-que-e-matriz-de-eisenhower/>. Acesso em 13 mar. 2019.

que o próprio pai tem do seu ministério e da igreja. Mesmo assim, alguns pais pastores têm seus filhos fora dos caminhos de Deus. Por que eles não seguem o mesmo caminho do pai e da mãe? Para Wildner, assim como os pais, os filhos do pastor moram numa casa como que de vidro. Para este autor, “seu comportamento interessa a terceiros. Os erros dos filhos do pastor aparentam serem mais graves que os das demais crianças ou jovens. Isso não lhes passa despercebido e os irrita e os converte em intolerantes para com seus críticos”.⁴ Conforme Ebenezer Carlos dos Santos, pastor e filho de pastor, um dos conflitos mais graves de filhos de pastores diz respeito à incerteza da salvação, apesar de estarem envolvidos em praticamente todas as atividades eclesiais. Eles não têm um testemunho de conversão impactante como de alguns membros da igreja que vieram do mundo de pecados. Pelo contrário, sua conversão acontece de forma muito suave não causando um divisor entre antes e depois da conversão.⁵

Ao analisar a vida do profeta Samuel, percebe-se que ele fez tudo o que podia para Deus da melhor forma possível e também deve ter educado e ensinado seus filhos tudo sobre Deus. Até nomeou-os como “líderes de Israel” (1Sm 8.1). *Mas os filhos dele não andaram em seus caminhos. Eles se tornaram gananciosos, aceitavam suborno e pervertiam a justiça (1Sm 8.3)*. Deve ter sido muito doloroso para o pai Samuel e ainda profeta, juiz, ... ter de ouvir de todas as autoridades de Israel a seguinte sentença sobre seus filhos, quando lhe disseram: *Tu já estás idoso, e teus filhos não andam em teus caminhos; escolhe agora um rei para que nos lidere, à semelhança das outras nações” (1Sm 8.5)*. De acordo com Joice Baldwin, o pedido de um rei era um ataque pessoal contra a liderança de Samuel. Apesar da ordem divina ser favorável à instalação de uma dinastia, Samuel “nunca esteve totalmente harmonizado com o novo regime [...]”.⁶

Seja como for, o que chama atenção, no texto acima, é que Samuel não foi falar com seus filhos, como fez Eli (1Sm 2.22-25) e nem orou por eles, aparentemente. Ele orou a Deus por todo povo e deu sequência ao processo de instalação da dinastia. Em toda a Bíblia não se encontra nenhuma citação que

⁴ WILDNER, John B. **O jovem pastor**. Tradução de Judith Brice. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1989, p. 83.

⁵ SANTOS, Ebenezer Carlos dos. **Pastor, salve seu filho**. São Paulo: Vida Nova, 1977, p. 24.

⁶ BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**: introdução e comentário. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 94.

venha desqualificar Samuel. Portanto, pode-se concluir que a salvação é pessoal, tanto quanto as escolhas diárias de obedecer a Deus. O pai não tem autoridade para converter seus filhos, eles é que vão decidir que caminho querem trilhar e serão responsáveis por suas próprias decisões (Ez 18). Conforme o texto de Ezequiel, os pais não são responsáveis pelos pecados dos seus filhos e nem os filhos responsáveis pelos pecados dos pais. Aqui vale lembrar que os “dois melhores reis de Judá tiveram pais muito perversos e maus. Ezequias era filho de Acaz, e Josias, filho de Amom. Eles não se entregaram à herança familiar problemática”.⁷ Disso se depreende que os filhos que conhecem o evangelho devem reagir favoravelmente a Deus.

Além do exemplo de Eli (veja 1Sm 2.12-26) e Samuel, podemos perceber que há vários outros exemplos de pais que andavam com Deus (não necessariamente pastores) na Bíblia, mas seus filhos foram achados injustos: Adão – Caim; Davi – Absalão; Ezequias – Manassés. Como estes, atualmente temos também filhos de pastores fora dos caminhos de Deus. Mas não somente pastores, pais e mães cristãos consagrados também sofrem com o que o pastor e teólogo Luiz Sayão denomina de “síndrome dos filhos de Eli”.⁸ Muitos pais somente percebem esta realidade quando seus filhos sempre obedientes (enquanto pequenos), agora que atingiram a maioridade não se submetem à orientação dos pais de viver uma vida cristã. Ao tornaram-se independentes, não mais aceitam simplesmente entrar no carro, sentar no banco de trás do carro com uma Bíblia e ir para o culto só porque os pais estão indo.

Os filhos e a esposa sabem que no culto, diante das pessoas, o pai pastor será agradável, amoroso e terá tempo para todas as pessoas. Eles assistem a tudo, sabendo que logo mais, depois do culto, em casa o pastor será quem ele realmente é. Este fato pode levar os filhos para longe dos caminhos de Deus, caso o pai pastor não seja em casa o que é na igreja. Conforme John Wildner,

De todos os membros de sua igreja, os únicos que não lhe pedem uma postura formal e feitiça, são os de sua família. Diante deles pode o pastor permitir-se ser o homem que naturalmente é. Pode retornar a casa zangado, carregado e descarregar seu mau humor sobre os familiares, que tudo terão que suportar com paciência.⁹

⁷ SAYÃO, Luiz Alberto. **Agora sim!:** teologia na prática do começo ao fim. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 155.

⁸ SAYÃO, 2012, p. 152.

⁹ WILDNER, 1989, p. 80.

Porém, até quando suportarão? Por causa desta paciência, a família pastoral se torna de fundamental importância. Deve ser a primeira igreja a ser pastoreada pelo pai pastor. Esta é que dará sustentação emocional e espiritual ao ministério pastoral. “Em sua autobiografia, Billy Graham menciona que por razões de segurança e privacidade teve que se mudar para uma localidade interiorana, a fim de evitar os holofotes. Foi uma decisão tomada para proteger a si mesmo e à sua família”.¹⁰ Kent Hughes frisa que o pastor deve ter o máximo de cuidado para não se casar com a igreja, tornando-se um marido e pai desagradável, que pode até estar em casa, mas com os pensamentos envoltos com atividades da igreja.¹¹ Ao perceberem que o pai está continuamente ocupado com a igreja, os filhos poderão vir a desenvolver uma imagem negativa da mesma e, assim que aparecer a primeira oportunidade, provavelmente irão afastar-se.

Augusto Cury, mesmo não tendo em mente filhos de pastores, menciona de forma geral que

Filhos precisam de pais que sejam acima de tudo seres humanos. Os pais que se humanizam ensinam seus filhos a não se comportar como deuses. Pais que reconhecem seus erros ensinam seus filhos a pedir desculpas. Pais que relaxam ensinam seus filhos a gerenciar o estresse. Pais que não são punitivos ensinam seus filhos a não desistir de seus sonhos. Enfim, pais inteligentes formam sucessores [e não apenas herdeiros], pois ensinam seus filhos a exercer seu mais solene papel social, o de ser um ser humano feliz, saudável e proativo.¹²

É muito importante que o pai pastor tenha em mente fazer de seus filhos seus sucessores, ou seja: meu filho, meu discípulo. O herdeiro apenas vive para gastar o que recebeu, enquanto o sucessor vive para transformar e aplicar de forma prática o que foi transmitido, construindo seu próprio legado, o que é muito diferente de alguém que vive apenas à sombra dos pais. Fazer do filho um sucessor ou discípulo, não significa necessariamente que ele terá que ser pastor, mas ao menos carregar consigo princípios cristãos e continuar fazendo

¹⁰SCHACH, Vanderlei Alberto. O cuidado do pastor consigo mesmo. **Revista Batista Pioneira: Bíblia, teologia e prática**, Ijuí, v.5, n.1, p. 50, jun 2016.

¹¹HUGES, Kent. In: GRUDEM, Waine; RAINEY, Dennis. **Famílias fortes, igrejas fortes: os desafios do aconselhamento familiar**. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2005, p. 32.

¹²CURY, Augusto. **Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros**. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 28.

discípulos. Esta mentalidade o manterá nos caminhos de Deus. Diante deste motivo, torna-se muito importante o estudo da Bíblia ou culto em família, que trará aos filhos a verdadeira compreensão da sua existência como filhos de pastores.

3. CULTO EM FAMÍLIA (JS 24.15)

Um versículo da Bíblia muito conhecido – mas nem sempre bem compreendido – é Josué 24.15: Se, porém, não lhes agrada servir ao Senhor, escolham hoje a quem irão servir, se aos deuses que os seus antepassados serviram além do Eufrates, ou aos deuses dos amorreus, cuja terra vocês estão vivendo. Mas eu e a minha família serviremos ao Senhor. O povo de Israel tinha conhecimento de vários deuses, a começar com os de Abraão quando vivia “além do Eufrates” (Js 24.2), os deuses do Egito no tempo da escravidão (Js 24.5) e mais os deuses atuais dos amorreus onde o povo vivia. Nesta gama de deuses, Josué confronta o povo a escolher um deus de livre e espontânea vontade para ser servido e adorado. Adoração através de um culto voluntário e não forçado, como acontecia em outras religiões. Um Deus de amor dá aos seus seguidores a opção de escolher a que deus querem adorar. Josué foi o último a tomar posse da terra, mas foi o primeiro a declarar a que deus iria servir com sua casa.

Assim como Josué escolheu primeiramente a parte espiritual para si e para sua família, o pastor também deve escolher a parte espiritual para si e para sua família. Antes de pastorear o rebanho maior que é a igreja, o pastor precisa pastorear a igreja que ele tem dentro das quatro paredes da sua casa. Segundo Edison Queirós, “a nossa família deve ser o primeiro ministério”.¹³

David Merkh menciona que a melhor prova do sucesso “do nosso trabalho na educação dos filhos não é a vida deles, mas a vida dos seus filhos. Ou seja: sabemos que o ‘discipulado’ do lar realmente funcionou se nossos discípulos (nossos filhos) conseguem transmitir aos filhos deles (nossos netos) esse legado espiritual”.¹⁴ O Salmo 78.4-7 menciona que os pais não devem esconder dos seus filhos os grandes e louváveis feitos de Deus. Os filhos e netos devem

¹³ QUEIRÓS, Edison. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1998, p. 87.

¹⁴ MERKH, Davi J. **O legado dos avós: inspiração e ideias para um investimento eterno**. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 29-30.

saber quem é Deus para continuar acreditando nele. Os pais devem ter suas próprias experiências com ele e levar os filhos a também terem suas próprias experiências, e assim sucessivamente. Da mesma forma como o pastor proporciona à sua igreja uma experiência de fé com Deus, também deve fazer o mesmo com os seus filhos, principalmente quando estes ainda forem de tenra idade. Deus designou o lar – e isso também vale para pastores – “como o primeiro local em que as crianças recebem instrução espiritual e [...] uma experiência tangível da materialização das realidades espirituais”.¹⁵

Como a família pastoral está repleta de cultos, liturgias, ensaios, reuniões, orações... o culto da família pastoral não precisa necessariamente ser formal. Até porque corre o risco de se tornar mecânico, obrigatório e sem sentido. Uma forma de conquistar os filhos para este momento, que não deve ser longo, é mudar a nomenclatura. Por exemplo: café pensante; café teológico; hora das perguntas; hora de decisão... pode-se e deve-se criar um momento adequado de acordo com a faixa etária dos filhos e as necessidades da família. “É nesse momento de intimidade familiar e conectividade com o sagrado que a criança fala sobre seus medos e suas alegrias”.¹⁶ É neste momento que os filhos vão abrir o coração e falar o que estão sentindo em relação ao ministério, igreja, amigos, bullying.

Pesquisas comprovadas mostram que nos EUA pessoas adultas vêm desistindo do Cristianismo abraçado na infância. Nas pesquisas foi constatado que a maioria dos que estão fora da igreja nos EUA, principalmente entre as gerações mais jovens, são na verdade ex-membros. Segundo os pesquisadores, a deserção da igreja não se deve ao que está acontecendo nela, mas o que está acontecendo em casa.¹⁷ Isto é, por melhores que sejam as liturgias e programações eclesiais, os fiéis não estão permanecendo. Segundo os pesquisadores, a desistência da fé se deve à falta de espiritualidade na família, que não proporciona aos filhos “experiências de fé em casa”.

Portanto, o momento de a família pastoral orar, ler a Bíblia juntos diariamente, é fundamental para o bem-estar desta família, que é o modelo

¹⁵ BRUNER, Kurt; STROOPE, Steve. **A fé começa em casa**: um guia prático para orientar seus filhos nos caminhos da fé. Tradução de Bárbara Cury. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011, p. 34.

¹⁶ SCHACH, Vanderlei Alberto. **Crianças em situação de vulnerabilidade**: o trabalho de Henrique e Frieda Liebich como referência inspiradora para o cuidado social. São Leopoldo: 2014, p. 259.

¹⁷ BRUNER; STROOPE, 2011, p. 20-21.

para o restante do rebanho: a igreja! Este momento deve ser dirigido pela autoridade paterna.

4. FALTA DE AUTORIDADE PATERNAL (EF 6.4)

A falta de autoridade paternal pode irritar as crianças, mais precisamente quando se trata de filhos. Crianças menores, entre 3 e 6 anos, possuem senso de justiça.¹⁸ Neste sentido, os pais sempre devem falar a verdade para os filhos. Ao sentirem-se irritados por terem sido enganados, os filhos podem deixar de confiar em seus pais. O apóstolo Paulo deixa claro: “Pais, não irrite seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4). A criança é concreta e literal, vê na prática o que se ensina na teoria. Muitos pais pastores dizem uma coisa e fazem outra. Na igreja elogiam todas as pessoas, mas, ao distanciarem-se delas, falam de forma negativa. Os filhos do pastor imediatamente percebem o teor das conversas.

Os estudiosos norte-americanos Bruner e Stroope chamam atenção para o fato de muitas mudanças estarem ocorrendo nas últimas décadas,

A hora de inovar está aí novamente. A paisagem do mundo no qual temos o nosso ministério mudou drasticamente durante as últimas três décadas. A geração que está por vir se verá frente a frente com um obstáculo à crença que vai além de valorizar o estilo da adoração, da relevância dos ensinamentos ou do programa de excelência das igrejas, porque esse obstáculo não reflete o que está acontecendo na igreja. Reflete o que está faltando em casa.¹⁹

O conceituado missionário Edson Queirós relata que o nosso relacionamento com Deus é a base para a nossa atividade ministerial.²⁰ Muitos pais pensam que apenas comprar uma Bíblia a seus filhos e mandá-los à Escola Bíblica Dominical ou Escola Bíblica de Férias ou congresso de adolescentes ou jovens já é o suficiente. Se quiserem, podem aceitar Jesus como seu Salvador. A pergunta que emerge aqui é: “por que os pais não falam de Jesus para seus filhos?” Sempre queremos a melhor coisa do mundo para as pessoas que amamos. Logo, para os filhos, a melhor coisa do mundo deveria ser a salvação da alma deles. A alma de uma pessoa vale mais que o mundo inteiro, disse

¹⁸ **CRIANÇAS de três anos têm senso de justiça.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/criancas-de-tres-anos-tem-senso-de-justica/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

¹⁹ BRUNER; STROOPE, 2011, p. 10.

²⁰ QUEIRÓS, 1998, p. 87.

Jesus (Mt 16.26). Para responder esta pergunta, cita-se a resposta do Pr. João Falcão Sobrinho, dívida em 5 itens:

1 - Porque não vivem o evangelho no lar. Muitos pais discutem em casa, brigam, falam mal dos amigos, dos irmãos em Cristo, não vivendo o evangelho em família. Conforme explica o referido pastor,

é muito fácil pregar no púlpito, nas ruas, em qualquer lugar, onde não possam confrontar a nossa pregação com a nossa vida, para saberem se já experimentamos nós mesmos a nossa mensagem. Mas pregar aos filhos que convivem conosco, que sofrem nossas injustiças, que acompanham nossos movimentos, e conhecem o que somos e não o que dizemos e gostaríamos de ser, convenhamos, é outra coisa. Você nunca convencerá seus filhos a aceitarem o evangelho, se você mesmo não vive o evangelho.²¹

Em poucas palavras, pode-se concluir deste parágrafo: pastor, pregue sempre para sua família e, se for necessário falar alguma coisa, fale. Mas pregue sempre.

Porque não têm uma experiência suficientemente profunda. Muitos pais são ativos na igreja, têm bom conhecimento da Palavra de Deus, mas não possuem uma ligação profunda com Jesus Cristo. João Falcão Sobrinho conta a experiência de uma senhora que estava mostrando seu guarda-roupas a uma amiga. Esta admirava-se com o fino acabamento do móvel. No entanto, a filha da amiga, uma menina de 4 anos, enfiou-se atrás do guarda-roupas para suas observações e, ao voltar para seu lugar, meneou a cabeça e disse: “só é bonito pela frente. Por trás é igual ao nosso.”. Isto é, não se consegue enganar as crianças apenas com aparências, como muitos pais imaginam que podem fazer. Se os pais não têm uma profunda comunhão com Deus, terão dificuldades de viver uma vida cristã autêntica,²² a tal ponto de transmitir paixão aos seus filhos por aquilo que creem e em quem creem.

Porque não têm autoridade sobre os filhos. Por ignorância ou por desleixo, muitos pais não sabem educar seus filhos, perdendo por isso a autoridade sobre eles. Neste item, a partir de Efésios 6.4, João Falcão Sobrinho enumera alguns tópicos importantes para a salvação dos filhos: a) Mentira: segundo ele, não

²¹ FALCÃO SOBRINHO, João. **Como falar de salvação a seus filhos**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 4-5.

²² FALCÃO SOBRINHO, 1979, p. 5.

há mentira grande ou pequena. Mas muitos pais pregam ‘pequenas mentiras’ para seus filhos, tendo como objetivo suprir com ameaças e promessas a falta de autoridade. As histórias de cegonha, Papai Noel, bicho papão, entre outras, que aparentemente julgam-se inofensivas, na verdade são muito nocivas para as crianças. Se os pais mentiam para seus filhos quando eram crianças, obviamente o filho, agora adulto, acreditará que Jesus é tão verdadeiro quanto o Papai Noel, que o céu é apenas uma invenção ou promessa e o inferno uma simples ameaça para as crianças tornarem-se obedientes.²³ b) Preferências: quando os pais que têm mais de um filho, preferem um em detrimento de outro(s), este, que recebe preferência, julga-se mais protegido por Deus, não necessitando de arrependimento, apesar dos seus pecados, enquanto o(s) outro(s) pensam que Deus é tão injusto quanto o próprio pai. Por isso não se arrependem, porque afinal só os ‘queridinhos’ de Deus alcançarão a vida eterna.²⁴ c) Desatenção: há pais que mantêm uma distância intransponível dos seus filhos, mostrando-se totalmente arbitrários com eles. Chama atenção o fato de estes homens ou mulheres serem classificados como colunas no trabalho eclesiástico, mas “em casa, também são ‘colunas’, isto é, frios, insensíveis, inacessíveis aos diálogos com os filhos”.²⁵ d) Mimo excessivo: o filho muito mimado pelos pais, tios, avós constitui-se um problema para educá-lo e conseqüentemente evangelizá-lo. Por isso, tanto desprezar quanto proteger excessivamente é um erro. “Pais que não sabem educar seus filhos, que perdem a autoridade no lar, dificilmente terão o crédito necessário para falar-lhes da salvação”.²⁶

2 - Muitos pais não falam de salvação aos filhos, porque não compreendem que isso é necessário. Mas para compreender que é necessário, basta saber que somente os pais têm as melhores oportunidades que automaticamente vão surgindo na convivência diária do lar; conhecem melhor a natureza dos seus filhos. Sabem os pontos fracos e fortes dos filhos e que podem ser úteis na evangelização; os filhos acreditam naquilo que é importante para os pais. Por isso, os pais devem dar valor à sua própria salvação e ainda o testemunho dos pais precisa ser condizente com a vida cristã, isto é,

²³ FALCÃO SOBRINHO, 1979, p. 6.

²⁴ FALCÃO SOBRINHO, 1979, p. 6.

²⁵ FALCÃO SOBRINHO, 1979, p. 7.

²⁶ FALCÃO SOBRINHO, 1979, p. 7.

os pais devem orar e se for necessário chorar pela conversão deles. Conta-se a história de uma irmã, esposa de diácono e presidente do grupo de mulheres da igreja, que indagou seu pastor: “pastor, por que meus filhos não se convertem?” A resposta dura mas necessária foi: “porque seus olhos estão secos”. Ou seja, esta mãe não tinha uma vida de testemunho e oração por seus filhos. Naquele dia, ao chegar em casa, entrou em seu quarto e orou a Deus pedindo que ele lhe desse sensibilidade para perceber a necessidade da salvação de seus filhos. Pela primeira vez, ela chorou por eles. Algum tempo depois, seus dois filhos converteram-se ao Senhor Jesus.²⁷ Com certa frequência há pais chorando por seus filhos porque não conseguiram aprovação em vestibular ou a viagem dos sonhos ou a namorada desejada pela família. Dificilmente percebe-se um pai ou uma mãe cristã, com os olhos molhados, chorando pela salvação de seus filhos.

3 - Murmuração dos pais. Alguns pais, para não dizer muitos, ao término do culto voltam para suas casas e fazem uma lista de coisas de não deram certo no culto. Às vezes a própria esposa critica o marido, da forma como pregou. O marido pastor critica o professor da Escola Bíblica e a igreja. Desta forma, vamos ensinando inconscientemente a nossos filhos que não vale a pena ser crente em Jesus. Se tivermos uma vida realmente piedosa e consagrada a Deus, podemos vibrar e louvar a Deus porque mais um culto de adoração foi realizado em meio ao mundo perdido no pecado. Assim estaremos passando uma visão positiva do ministério pastoral aos filhos, ensinando a eles “que é bom ser crente, que ser membro da igreja é um privilégio honroso, que o pastor é um servo de Deus”. Procedendo assim, estaremos deixando o caminho aberto para a salvação de nossos filhos e até mesmo futuros vocacionados. Portanto, faça do seu filho um membro do corpo de Cristo, não apenas da igreja, “leve seu filho a ser um cristão melhor do que você é”.²⁸

A autoridade paterna é colocada por Paulo como um requisito para alguém que é pastor: “Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade” (1Tm 3,4). Caso alguém não conseguisse cuidar da própria família, estaria ministerialmente desqualificado. Ainda nas palavras do apóstolo: “Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?” (1Tm 3,5). A Tito, igualmente Paulo

²⁷ FALCÃO SOBRINHO, 1979, p. 8.

²⁸ FALCÃO SOBRINHO, 1979, p. 19.

escreve que o pastor deve ter “...filhos crentes que não sejam acusados de libertinagem ou de insubmissão” (Tt 1.6).

Estas recomendações não são dadas a Timóteo e Tito apenas por mera exigência, mas porque a igreja primitiva entendia “o lar como contexto primário da formação espiritual”²⁹ Um mundo dominado pelo pecado nos mais variados tipos de imoralidade sexual da época, só poderia entender o plano de Deus para o homem e a mulher através de exemplos personificados principalmente por parte da liderança eclesiástica. Mesmo escrito há dois milênios, estes princípios ainda são imensamente válidos atualmente, mesmo em um contexto de desconstrução familiar movido por ideologias das mais diversas, deixando as pessoas órfãs afetivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A administração do tempo é atualmente difícil e provavelmente sempre foi. Mas, devido ao avanço tecnológico, o pastor é levado a dar muitas respostas num único dia. Diante dessa situação, o pastor pode equipar-se com ferramentas como o Princípio de Pareto e a Matriz de Eisenhower. Estas podem ajudar o pastor a otimizar seu tempo, como decidir o que é importante e urgente ao mesmo tempo e que de fato precisa ser realizado.

Percebeu-se que o filho de pastor não é nem superior e nem inferior aos demais filhos. A igreja e demais pessoas devem entender que ele passa por todas as fases de uma vida normal, como o filho de qualquer profissional. Tem sentimentos, emoções, alegrias, tristezas e ainda precisa saber lidar com as críticas ou elogios em relação ao pai. Ele não escolheu ser filho de pastor, nem seu pai escolheu. Este apenas cumpre um chamado de Deus. Portanto, a igreja deve abençoá-lo, vendo no filho de pastor uma pessoa normal, mas que apenas está mais exposto e por vezes não tem como se proteger.

O pastor – que, antes de ser pastor, deve ser pai – precisa obrigatoriamente pastorear sua família antes da igreja. E esta deve ser ensinada sobre a importância da família pastoral. Tanto o pastor como a igreja somente serão bem-sucedidos ministerialmente se a família pastoral estiver em primeiro lugar na agenda pastoral. Na maioria das vezes, a impressão que se tem, é que a família do pastor é a única família da igreja sem pastor. A família pode

²⁹BRUNER; STROOPE, 2011, p. 40.

viver seus próprios planos, não atrelada à igreja. O diálogo familiar deve ser a experiência da própria família, como colocar diante de Deus planos e propósitos e observar as respostas dadas por Deus. A família precisa conversar com seus próprios assuntos e até mesmo procurar amizades fora do círculo eclesiástico para conversar sobre temas diferenciados. Fazendo isso, além de propiciar relacionamentos evangelísticos, o pastor e família conseguem renovar as forças que se esvaem diante dos desafios ministeriais.

Em relação à autoridade paternal, o pastor deve exercer o seu papel de pai antes do pastorado. O exercício da paternidade dar-lhe-á autoridade pastoral tanto na sua família como na igreja. É necessário que a Palavra seja colocada em prática primeiramente no lugar mais visível e questionável, portanto difícil, para posteriormente ser pregada em outros lugares, como no púlpito. Ao seguir esta prática, o pai pastor estará mostrando a seus filhos que é possível viver o Evangelho não somente no púlpito, mas também diariamente, como estilo de vida em todos os lugares. Muitos são os textos bíblicos que ainda poderiam servir de fundamentação teológica para o cuidado paternal no ministério pastoral, mas neste artigo foram mencionados apenas alguns daqueles que estão mais vivos na memória do povo. Portanto, este assunto ainda tem muito espaço para ser explorado.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**: introdução e comentário. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996. 336 p.

BRUNER, Kurt; STROOPE, Steve. **A fé começa em casa**: um guia prático para orientar seus filhos nos caminhos da fé. Tradução de Bárbara Cury. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

CRIANÇAS de três anos têm senso de justiça. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/criancas-de-tres-anos-tem-senso-de-justica/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

CURY, Augusto. **Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros**. São Paulo: Saraiva, 2014. 144 p.

FALCÃO SOBRINHO, João. **Como falar de salvação a seus filhos**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

HUGES, Kent. In: GRUDEM, Wayne; RAINEY, Dennis. **Famílias fortes, igrejas fortes**: os desafios do aconselhamento familiar. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2005. p. 29-44.

MERKH, Davi J. **O legado dos avós**: inspiração e ideias para um investimento eterno. São Paulo: Hagnos, 2011. 255. p.

O QUE É MATRIZ DE EISENHOWER? Disponível em: <https://www.ignicaodigital.com.br/o-que-e-matriz-de-eisenhower/>. Acesso em 13 mar. 2019.

PRINCÍPIO DE PARETO. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio_de_Pareto. Acesso em: 12 mar. 2019.

QUEIRÓS, Edison. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1998.

SANTOS, Ebenézer Carlos dos. **Pastor, salve seu filho**. São Paulo: Vida Nova, 1977. 35 p.

SAYÃO, Luiz Alberto. **Agora sim!**: teologia na prática do começo ao fim. São Paulo: Hagnos, 2012. 188 p.

SCHACH, Vanderlei Alberto. **Crianças em situação de vulnerabilidade**: o trabalho de Henrique e Frieda Liebich como referência inspiradora para o cuidado social. São Leopoldo: 2014.

SCHACH, Vanderlei Alberto. O cuidado do pastor consigo mesmo. **Revista Batista Pioneira**: Bíblia, teologia e prática, Ijuí, v.5, n.1, p. 47-62, jun 2016.

WILDNER, John B. **O jovem pastor**. Tradução de Judith Brice. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1989. 112 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional